



BOXERS
ALISSON CARVALHO

PENALUX, 2020

B O X E R S

O silêncio foi interrompido pelo impacto das gotículas da chuva que caíam desesperadamente no chão úmido. Luan esperou que a calmaria e a noite se unissem para poder sair do seu esconderijo. O pavor, manifestado na tensão dos músculos, não diminuía e pouco adiantava segurar o pedaço da pulseira com a mão esquerda, pois a lembrança da mãe sendo jogada no chão pelos homens estranhos e as palavras incompreensíveis misturadas aos risos volta e meia assaltavam a paz do pequeno, que procurava nos fragmentos da memória detalhes para entender o que tinha acontecido.

Luan foi um bom filho, tão obediente que atendeu a ordem da mãe e se escondeu prontamente quando o caos penetrou a tranquilidade do lar. Parecia um dia sem fim, mas os gritos foram silenciados, abafados e o cansaço atraiu o jovem para um mundo

de pesadelos, que, embora fosse confortável, não o ajudou a descansar.

A noite despejava no horizonte a brisa sepulcral eternizada pela neblina pantanosa. E, no alto montanhoso daquele amargor ferroso que tingia as ruas tortuosas da lama rubra, emergia o vulto ceifador de sonhos para acalantar o derradeiro gemido de dor.

As trevas envolviam o pequeno Luan quando as suas pálpebras decidiram furtá-lo do mundo onírico, ele tentou forçar os olhos desejando retornar ao mundo do impossível. Comprimido e abraçando o próprio corpo, a criança permaneceu no esconderijo por algum tempo, por alguns segundos, por alguns minutos, por algumas horas, até que o próprio medo virasse uma lembrança fossilizada. O silêncio perturbador pairava sobre a pequena vila. Por um breve momento, era como se até os animais tivessem se curvado ao delírio coletivo que resolveu acometer a todos.

O menino ergueu-se, saiu da pequena vala improvisada no quarto dos pais, caminhou até a janela e tentou enxergar algo que representasse perigo. Só quando percebeu os corpos jogados pelas ruas foi que se deu conta da amarga verdade, recordou-se

dos gritos e, de repente, um gigantesco astro celeste adentrou suas entranhas tentando passar pelo diâmetro limitado da sua faringe. Aquela sensação estranha o impedia de engolir a própria saliva, foi quando ele percebeu que também tinha uma família.

O menino sentiu-se diminuto, um inseto, uma partícula naquele cômodo que somente naquele instante pareceu um lugar gigantesco. Ele correu instintivamente abastecido pelo desespero, suas pernas trêmulas dividiam-se entre temer e querer a verdade. O pequeno metro que dividia os cômodos tornou-se uma distância incalculável, mas ele continuava andando e diminuindo gradualmente a velocidade.

Procurou primeiramente pelos quartos, sabotando o desejo de ir ao encontro do local do desastre. Olhando sempre para a frente, ele notou tardiamente a umidade nos pés, era uma poça de sangue que formava um caminho desenhado pelas marcas do que julgou ser a sola das botas dos estrangeiros, os invasores. Seguiu-as.

Na soleira da cozinha, onde os móveis permaneciam intactos, ele encontrou o corpo despido da sua mãe estirado no chão. As panelas e talheres

ressoavam ruídos do pretérito, enquanto o menino encarava paralisado a cena. Um terremoto de sentimentos desestabilizou seus pés, irradiou pelo seu corpo que se arrastava em teimosia descomunal para tentar acalantar o cadáver materno, mas com uma estranha certeza que não queria sair, revelar, ser creditada.

Sua relutância em admitir a tragédia diluiu-se ao enxergar os incontáveis hematomas que tingiam a pele daquela mãe. Ele recordou do dia em que seu irmão mais velho chegou com uma daquelas manchas chorando, era uma manchinha pequena e que causava uma dor monstruosa. Uma pequena e quase imperceptível mancha. Em seguida, imaginou o sofrimento contido naqueles hematomas e correu para tentar ajudá-la.

Ela estava inconsciente? Era sono? Ela estava dormindo? O pavor preencheu todo o corpo de Luan. A sua mãe estava com os olhos abertos, um olhar vazio, um olhar perdido, um olhar sem expressão. Ela não reagia, parecia que a sua pele tinha absorvido o frio do ambiente e aquela temperatura incomodava profundamente o menino. Tal qual o mármore, aquela pele carecia de pulso.

O pequeno mal sabia o que era a morte e, mesmo escutando tantos relatos, a ideia do devir era muito abstrata para a sua idade imatura. Naquele dia, ele entendeu o que era a vida por meio da morte e passou a ter saudade de coisas triviais como os ruídos mais insignificantes produzidos pela mãe.

Certa vez, sua mãe, assustada com os acontecimentos violentos que germinavam pelo país, disse algo enquanto colocava o seu irmão mais velho para dormir: “Luan, se um dia eu te pedir que se esconda, por favor, me obedeça. E não importa o que aconteça, vá para lá com o seu irmão e não saia até que eu diga para você sair”. Então, depois daquele dia, os dois filhos descobriram que seus pais cavaram uma pequena cova com a medida exata para caber duas pessoas, os dois filhos, exatamente os dois filhos. Quem diria que justo no dia festivo a comemoração seria interrompida pelos gritos de pavor? E, se não tivesse tanta gente em sua casa, talvez ele próprio não conseguisse o tempo necessário para se esconder.

O primeiro tiro acertou o seu irmão que caiu nos braços do pai, baleado em seguida. O desespero e o medo superaram a dor e a raiva, não houve tempo para velar os mortos, apenas correria.

Luan tocou no rosto inanimado da mãe, tentou fazer com que os olhos inertes dela olhassem para os seus, gritou, caiu sobre o corpo do cadáver, chorou por algum tempo até desistir de acordá-la. As lágrimas caíram silenciosamente e ele sentiu uma dor crescente no estomago que migrava para o peito. Aquele astro colossal queria romper os músculos da sua garganta, não descia, tampouco retornava, era um astro melancólico que não conseguia sair.

O pequeno ficou ali até escutar barulho dos cascos dos cavalos percorrendo a aldeia, o mesmo barulho escutado naquela noite. Aquele som periódico da morte o fez correr de volta para o seu esconderijo. O galopar foi acompanhado de mais gritos e barulhos estrondosos nas proximidades. Ele tampou, com o máximo de força que conseguiu, seus ouvidos e fechou os olhos até o alvorecer.

Quando mais uma vez o silêncio lambeu as ruas daquela vila deixando um rastro de pavor estrangulado pela inanição, a neblina turva que ornamentava a terra foi levada pela brisa revelando em tons rubros a vermelhidão dos olhos da morte.

Somente os passos de um homem ecoaram pelo espaço, aquele ser que, como sempre, chegava tarde

demais para acalentar as almas com as suas trovas nihilistas. O poeta, cujo nome seria esquecido pela história, foi um dos poucos sobreviventes dos primeiros ataques, era um dos poucos letrados daqueles vilarejos em uma época na qual a comunicação era essencial para alertar uma nação.

Assim como a própria poesia vanguardista, ele conseguiu escapar da extinção do seu clã e tentou alertar as outras vilas, mas quem poderia concorrer com a velocidade dos cavalos? Frustrado pelo sempre atrasado alerta, o poeta – que escrevia versos perecíveis e efêmeros, escritos na superfície da terra com pincéis embebecidos por água, palavras que evaporavam tão logo eram lidas – decidiu eternizar as tragédias em canções que um dia ecoariam como um hino por toda a nação.

Algumas vezes, ele conseguia participar da resistência, afinal, a poesia, na sua concepção, era um ato político e não podia ficar guardada na alma ou comprimida na gaveta da mente. Dessa vez, ele ficou incrédulo, nunca presenciou um massacre daquela magnitude. Seus olhos não criam nas pilhas de corpos espalhados pelas ruas.

Não houve despedida, tampouco tempo para formar uma resistência, somente um ataque medonho durante a noite. Todos foram covardemente torturados. Não foram poupadas crianças, idosos ou mulheres. Os olhos mudos do poeta deixaram a passagem livre para que as lágrimas compusessem alguns versos. Alguns aldeões que conseguiram fugir no vértice da confusão se aproximaram e começaram a vasculhar, em silêncio, os escombros em busca de algum vestígio de vida. Era uma procura meramente motivada por culpa: culpa por ter fugido, culpa por ter abandonado os entes queridos, culpa por não ter morrido junto aos seus. O poeta sabia mais que ninguém que internamente o sentimento de vingança latejava só depois de superada a dor, após secarem as lágrimas e ao constatarem que famílias inteiras foram violadas sem nenhum motivo. E precisa de motivos para tal genocídio? Ele conhecia aqueles gritos e prantos e sabia bem o resultado da socialização da dor.

O poeta quebrou o silêncio, recitou um verso improvisado e começou a ganhar ritmo. Sua voz ecoava, vencida as pilhas de cadáveres e penetrava no rio putrefato resultado da mistura de lama e sangue.



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Adriane Text
para a Editora Penalux, e impresso em papel
off-white 80 g/m², em junho de 2020.
